

DEZ ANOS DEPOIS: A PRIMAVERA

ÁRABE FRACASSOU?¹

Paul Aarts²

A autoimolação do vendedor de rua tunisiano Mohammed Bouazizi em 17 de dezembro de 2010 levou a uma onda de protestos no mundo árabe. Agora, o pessimismo reina por toda parte. Guerras (civis), repressão e desemprego crescente assolam a região como nunca antes. A “dupla crise” do mercado petrolífero em colapso e da COVID-19 aprofundou ainda mais os problemas existentes. A Primavera Árabe estava fadada ao fracasso? Por qual lente devemos olhar para compreender o potencial das ondas de protestos?

“A Primavera Árabe fracassou” é uma frase que se ouve com frequência. Após um breve período de euforia em 2010-2011, o clima rapidamente se transformou em desilusão e pessimismo. “Inverno” tornou-se um rótulo popular. Os protestos no Iraque, Argélia, Marrocos, Líbano e Sudão geraram um ínfimo de esperança nos últimos dois anos, mas especialmente desde a pandemia do Coronavírus e a recessão mundial, o caminho para o pessimismo desenfreado e o cinismo indissimulado foi aberto.

Em um recente ensaio para a Política Externa, o especialista em Oriente Médio Steven Cook colocou da seguinte maneira: “A região tornou-se uma distopia marcada pela violência, pelo ressurgimento do autoritarismo, pelo deslocamento econômico e pelo conflito regional, sem uma saída clara (...)”.

¹ Este artigo foi originalmente publicado tanto em holandês pelo Clingendael Institute (Haia), em 21 de outubro de 2020, quanto em inglês, no Fanack.com, em 18 de dezembro de 2020. Para ler este artigo em holandês, acesse: <https://spectator.clingendael.org/nl/publicatie/de-arabische-lente-wel-niet-passe>. Para ler este artigo em inglês, acesse: <https://fanack.com/10-years-later-did-the-arab-spring-fail/>.

² **Paul Aarts** é professor aposentado de Relações Internacionais no Departamento de Ciência Política (Universidade de Amsterdã). Foi co-fundador da *ZemZem*, uma revista holandesa sobre o Oriente Médio, o Norte da África e o Islã. Desenvolveu o programa “Zeytun Academic Exchange”, com institutos acadêmicos em vários países do Oriente Médio. Escreve principalmente sobre os países do Golfo, particularmente a Arábia Saudita. Suas publicações incluem *Saudi Arabia: A Kingdom in Peril* (Oxford University Press 2015, co-escrito com Carolien Roelants) e *Saudi Arabia in the Balance: Political Economy, Society, Foreign Affairs* (New York University Press 2006, editado com Gerd Nonneman). Site <https://www.uva.nl/profiel/a/a/p.w.h.aarts/p.w.h.aarts.html?cb>. Contato: P.W.H.Aarts@uva.nl.

Pela primeira vez, é inteiramente razoável sentir-se desesperançado em relação ao Oriente Médio”.³ Palavras claras. No entanto, se o quadro delineado de catástrofe é justificado, é outra questão.

Nem todos compartilham desse cinismo. Afinal, não se pode negar que as revoltas árabes do início da última década foram um momento sem precedentes de consciência e ação políticas. O jugo da submissão foi descartado e os seus efeitos ainda não desapareceram nesse meio tempo.

Mesmo quando a história raramente percorre um curso linear, sendo mais uma série de ciclos e coincidências, permanece importante rastrear traços do passado no presente – como nos ensinou o filósofo e crítico cultural alemão Walter Benjamin. Conquanto a quaisquer “revoluções”, elas ocorreram principalmente na cabeça e nas mentes daqueles que tomaram as ruas e menos a nível político-institucional⁴.

“Descompasso”

Nesse sentido, as revoltas de dez anos atrás foram apenas o início de um longo processo, seja ele “revolucionário” ou não, do qual o resultado é incerto⁵. Essa última parte deve ser fortemente enfatizada.

É então igualmente problemático quanto ingênuo presumir que as ditaduras são insustentáveis a longo prazo e abrirão espaço para a democracia. Estudos baseados nessa ideia contêm um alto nível de desejo.

³ Steven Cook, ‘[The End of Hope in the Middle East](#)’, *Foreign Policy*, 5 de setembro de 2020 (itálico, PA). Do mesmo autor: ‘[Strongmen Die, but Authoritarianism is Forever](#)’, *Foreign Policy*, 5 de julho de 2018. Carolien Roelants também afirma que a Primavera Árabe fracassou. Ver *Dwars door het Midden-Oosten*, Amsterdã: Prometheus, 2018, p. 10. Livros com “Inverno Árabe” na capa são populares no mercado. Veja dois exemplos recentes: Noah Feldman, *The Arab Winter. A Tragedy*, Princeton e New York: Princeton University Press, 2020; e Stephen J. King, *The Arab Winter. Democratic Consolidation, Civil War, and Radical Islamists*, Cambridge: Cambridge University Press, 2020. Ambos os autores são mais nuançados em sua abordagem da Primavera Árabe do que os títulos sugerem. Outra publicação recente que coloca pontos de interrogação no “fracasso”, é de Marina e David Ottaway, *A Tale of Four Worlds. The Arab Region After the Uprisings*, Londres: Hurst & Company, 2019.

⁴ Neste contexto, Asef Bayat cunhou o termo “refoluções”, algo entre a “revolução” completa e digna e “reforma”. Ver: *Revolution without Revolutionaries. Making Sense of the Arab Spring*, Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2017, pp. 17-20.

⁵ Ver entre outros Barbara Geddes, ‘[What Do We Know About Democratization After 20 Years?](#)’ *Annual Review of Political Science*, Junho de 1999. Também Eva Bellin, ‘A modest transformation: Political change in the Arab world after the “Arab Spring”’, in Clement Henry & Jang Ji-Hyang (red.), *The Arab Spring. Will It Lead to Democratic Transitions?*, New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 33-48. René Koekoek em sua recente contribuição ‘[Politiek en idealen](#)’ também faz alguns comentários consideráveis sobre o curso das revoluções (De Groene Amsterdammer, 23 de setembro de 2020).

Em tais estudos, conceitos agradáveis como “sociedade civil”, são frequentemente utilizados⁶. Quanto mais sociedade civil, melhor – ou assim se supõe⁷. A esperança (por um futuro democrático) se confunde com a análise (da realidade complexa).

Não tanto ingênua, mas ainda assim problemáticas são as abordagens que não reconhecem o “descompasso” entre o conteúdo dos protestos e as causas subjacentes a eles. O que isso significa?

Os *slogans* mais usados eram (e são) de natureza política, mas foi (e ainda é) a situação econômica desastrosa que primeiro merece atenção. Este foi, afinal, o mais importante – se não o único – incentivo das revoltas.

Gilbert Achcar explica isso de forma convincente como nenhum outro em seu livro *The People Want* (2013) e *Morbid Symptoms* (2016). Também no contexto da situação econômica em constante deterioração desde 2011, e ainda mais desde o início da pandemia da COVID-19, é notável que não tem-se dado muita atenção⁸.

Política de massas, mas pouco conteúdo de classe

A explicação para esse descompasso observado pode ser encontrada no passado. O economista de Desenvolvimento Dani Rodrik explicou isso muito claramente⁹. Grosso modo, ele explica, a transição do Ocidente para a democracia foi resultado de processos de industrialização em uma época em que a principal oposição social existente era entre capitalistas e trabalhadores.

Por outro lado, na maioria dos países em desenvolvimento – e também no mundo árabe – este não foi o caso. Ali, foi sobretudo uma luta política que ocorreu no contexto da descolonização e da libertação nacional.

Em tal contexto, a emergência da democracia liberal era consideravelmente menos provável, pois as ideologias nacionalistas eram muito mais desenvolvidas do que as ideologias baseadas em classe. Afinal, o inimigo comum era externo e as contradições sociais internas recebiam menos atenção.

⁶ Para uma visão geral literária anterior ver ‘[Wat iedereen moet weten over de Arabische Lente](#)’ (ZemZem, 2012), com títulos como *Inevitable Democracy in the Arab World* (by Wissam S. Yafi), New York: Palgrave Macmillan, 2012. O proeminente jornalista Rami Khoury mencionou em uma entrevista que também é da opinião de que a democracia é “inevitável” no mundo árabe – mesmo que isso não conte para todos os países. Ver *Near East Quarterly*, 9 de setembro de 2011, p. 1-6.

⁷ O sócio-antrópico libanês e ex-ministro Charbel Nahas fala diretamente sobre “termos vagos como sociedade civil” e enfatiza a indispensabilidade de “partidos políticos bem organizados”. Veja ‘[De explosie biedt ook kans op hervorming](#)’, *NRC Handelsblad*, 18 de agosto de 2020. Argumento semelhante é feito por Paul Aarts & Marcia Luyten, ‘[De Arabische Lente: een mistig seizoen](#)’, *Socialisme & Democratie*, 4/2011.

⁸ Há exceções que tentam unir política e economia. Ver, por exemplo, o trabalho de Andrea Teti e seus colegas no “Arab Transformations Project”. Também alguns estudos de ONGs árabes e think tanks, como *Economic Research Forum*, *Nawaat*, *Observatoire Tunisien de l’Economie*, *Arab NGO Network for Development*, e *Alternative Policy Solutions*. Além disso, várias contribuições para o *Middle East Report* e estudos de [Mark R. Beissinger](#), [Amaney Jamal](#) e [Kevin Mazur](#).

⁹ Dani Rodrik, ‘[The Perils of Premature Deindustrialization](#)’, Project Syndicate, 11 de outubro de 2013; Dani Rodrik & Sharun Mukand, ‘[The Political Economy of Liberal Democracy](#)’, NBER Working Paper No. 21540, setembro de 2015.

As consequências disso ainda são visíveis no presente. A política de massas no Oriente Médio é muito menos acompanhada por uma clara consciência de classe, embora haja algumas exceções, como os protestos operários no Egito, na Tunísia e no Barein.

O analista egípcio Maged Mandour formula essa fraqueza de forma marcante em relação às revoltas árabes: “Aparte os *slogans* de mudança política, os direitos humanos e a necessidade de combater a corrupção, tem havido muito pouco conteúdo social”¹⁰.

Essa análise tem consequências para a avaliação das contribuições ao debate que pleiteiam mais “cidadania” (*muwatana*) e um “Estado civil” (*dawla madaniyya*). Essas são, reconhecidamente, simpáticas, mas têm pouca consideração pelas causas estruturais do poder ideológico e organizacional pouco desenvolvido dos movimentos de oposição.

Argumentos que veem um papel especial para a juventude árabe (às vezes reduzida a “*millennials*”) também são insuficientes e possuem um caráter altamente idealista. Antes de tudo, existe “o” *millenial* ou “a” juventude? Não deveríamos, enquanto realidade sociológica, falar em multiplicidade?¹¹. Afinal, a Famke Louise não representa a juventude nos Países Baixos, como ficou dolorosamente claro recentemente¹².

Paradoxo autocrático

O fato de que o processo de democratização é mais complicado do que às vezes se supõe, é também evidente a partir de estudos recentes que apontam o curso incerto dos acontecimentos após a expulsão de um ditador. Tendências autocráticas parecem ser indisciplinadas.

Nos primeiros anos após uma mudança de poder, muitas vezes há aumento da instabilidade e insegurança – tanto a nível pessoal (instabilidade, violência) quanto a nível econômico (crescimento do desemprego). Pesquisas mostram que civis frequentemente respondem a isso com menos, e não mais, fé na democracia. Este é o chamado “paradoxo autocrático”.

Ao ampliar o foco sobre países onde ditadores caíram e uma verdadeira forma de democracia foi instalada, como aconteceu na Tunísia, vemos uma confirmação desse fenômeno.

¹⁰ Maged Mandour, ‘[On the absence of Arab intellectuals: the colonial connection](#)’, Open Democracy, 15 de julho de 2016 (itálico, PA) e ‘[The poverty of protest](#)’, Open Democracy, 5 de dezembro de 2019.

¹¹ Ver o recente artigo de opinião de Laila al-Zwaini, ‘Geef ons madaniya, wij eisen een civiele staat!’, NRC Handelsblad, 19-20 de setembro de 2020. Para uma perspectiva histórica do papel da juventude, ver Funnekotter, ‘Voor een geslaagde revolutie moet je niet bij de jeugd zijn’, NRC Handelsblad, 30-31 de maio de 2020; e Koekkoek in *Politiek en idealen* (Inglês: ‘Politics and ideals’).

¹² Lennart van der Deure, ‘[Famke Louise vertegenwoordigt de jeugd niet](#)’, NRC Handelsblad, 23 de setembro de 2020

Mais particularmente, parece que o apoio à democracia depende de uma melhoria das circunstâncias econômicas sociais, mais do que dos direitos políticos e civis¹³.

As circunstâncias diárias se deterioraram visivelmente. A renda, por exemplo, diminuiu em um quinto e as taxas de desemprego cresceram extensivamente. Muitos jovens tunisianos querem deixar o país¹⁴.

Quando, além dessa insegurança econômica, há também insegurança pessoal causada por uma crescente agitação e instabilidade política, não é de surpreender que a população fique saudosa e comece a pensar naquele homem forte do passado. E a pandemia do Corona ainda nem sequer havia começado.

COVID-19

As consequências políticas da pandemia da COVID-19 eram previsíveis: sem exceção, todos os governos apertaram a coleira e aumentaram o controle sobre seus civis. Os primeiros estudos apontam o mesmo¹⁵. A lista é longa: bloqueios, emergências, toque de recolher, prisões, forças-tarefa do coronavírus e novas restrições à liberdade de expressão.

Nos lugares onde logo se realizaram manifestações (na Argélia, Iraque e Líbano), as autoridades aproveitaram a oportunidade para impor uma proibição absoluta às reuniões. Todos os espaços que foram, em alguns países, “conquistados” durante a Primavera Árabe, como parques e praças, voltaram completamente às mãos do governo. Também os locais de culto estão sob maior supervisão do que antes.

As consequências econômicas do surto da COVID-19 são devastadoras e fortalecem as tendências descritas anteriormente, e não apenas na Tunísia. Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Produto Interno Bruto da região diminuirá em média 4,7% e,

¹³ Pietro Marzo & Francesco Cavatorta, “The demise of the Arab strongman? Authoritarianism and the future of the Middle East”, in: Shahram Akbarzadeh (ed.), *Handbook of International Relations of the Middle East*, Londres: Routledge, 2019: p. 265-278; Melani Cammett, Ishac Diwan & Irina Vartanova, ‘[Insecurity and political values in the Arab world](#)’, *Democratization*, 5/2020; Andrea Teti, Pamela Abbott & Francesco Cavatorta, ‘[Beyond elections: perceptions of democracy on four Arab countries](#)’, *Democratization*, 4/2019; Ammar Shamaileh, ‘[Never out of Now: Preference Falsification, Social Capital and the Arab Spring](#)’, *International Interactions*, 6/2019; M. Tahir Kilavuz & Nathanael Gratias Sumaktoyo, ‘[Hopes and disappointments: regime change and support for democracy after the Arab Spring](#)’, *Democratization*, 5/2020.

¹⁴ ‘[In Tunisia, the cradle of the Arab Spring, protesters want jobs](#)’, *The Economist*, 13 de agosto de 2020; Alessandra Bajec, ‘[Tunisia: In Tataouine Socio-Economic Marginalization Is a Time Bomb](#)’, *Arab Reform Initiative*, 24 de julho de 2020; Ishac Diwan, ‘[Tunisia’s Upcoming Challenge: Fixing the Economy Before It’s Too Late](#)’, *Arab Reform Initiative*, 23 de setembro de 2020; Daniel Brumberg & Maryam Ben Salem, ‘[Tunisia’s endless transition?](#)’ *Journal of Democracy*, 2/2020.

¹⁵ ‘[The COVID-19 Pandemic in the Middle East and North Africa](#)’, *POMEPS Studies*, #39, Abril 2020; Amr Hamzawy & Nathan Brown, ‘[How Much Will the Pandemic Change Egyptian Governance and for How Long?](#)’, *Carnegie Endowment for International Peace*, 23 de julho de 2020; Tim Sweijs et al., ‘[De Veiligheidsimplicaties van de Pandemie: De impact van Covid-19 op Europese veiligheid](#)’, *The Hague Centre for Strategic Studies*, 20 de agosto de 2020; Thomas Carothers & David Wong, ‘[Authoritarian Weaknesses and the Pandemic](#)’, *Carnegie Endowment for International Peace*, 11 de agosto de 2020; Francis Fukuyama, ‘[The Pandemic and Political Order](#)’, *Foreign Affairs*, julho/agosto de 2020; Afsoun Afsahi et al., ‘[Five Lessons from the COVID-19 Pandemic](#)’, *Democratic Theory*, 2/2020; Layla Saleh & Larbi Sadiki, ‘[The Arab world between a formidable virus and a repressive state](#)’, *Open Democracy*, 6 de abril de 2020.

em alguns países frágeis e assolados por conflitos, ainda mais.

O setor turístico e os rendimentos dos trabalhadores migrantes, em especial, são duramente atingidos. Não há perspectiva de melhora a curto prazo. Na medida do possível, é mais provável que assumam uma forma em L (uma cauda longa com uma curva ascendente), ou uma série de W (um mergulho duplo)¹⁶.

Em uma região onde 60% da população tem menos de 25 anos, e o desemprego entre os jovens é maior do que em qualquer outro lugar do mundo, isso levará ao crescimento da pobreza, especialmente – mas não só – no setor informal. Não esqueçamos também que esta região tem o maior número de refugiados e deslocados internos do mundo – enquanto o Oriente Médio e o Norte da África contam apenas com 6% da população mundial.

Oportunidades de democratização

Os problemas econômicos no mundo árabe são colossais, especialmente quando se trata de oportunidades de emprego (também em países relativamente ricos, como a Arábia Saudita). Um dado bizarro é que quanto mais instruído você for, maiores serão as chances de ficar desempregado.

Segundo estimativas das Nações Unidas (ONU), por volta de 2030 a região necessitará entre 60 e 100 milhões de empregos. O Egito, por exemplo, precisará criar 3,5 milhões de empregos nos próximos cinco anos; o que equivale a 700.000 empregos por ano¹⁷. Isso, é claro, nunca vai acontecer.

O que isso significa para o futuro e as oportunidades de democratização no mundo árabe? Considerando cenários sobre os efeitos da automatização, digitalização e robotização – e como consequência, um mundo que muito provavelmente terá muito menos empregos ao invés de mais –, o mundo árabe encontra-se em uma posição excepcionalmente ruim. Este já era o caso antes do início da crise do Corona. Esses empregos altamente necessários para garantir a segurança econômica provavelmente nunca estarão lá.

O resultado político disso pode ser cataclísmico. Se esses empregos não chegarem, surgirá um exército de desempregados de longa prazo, que não pode ser considerado de outra maneira do que como uma ameaça direta pelos regimes vigentes.

No contexto histórico da imperfeita política de massas discutida acima, esta situação pode se manter por mais tempo do que se gostaria ou esperaria. A resiliência da ditadura e da repressão é mais óbvia do que qualquer outra coisa. Mesmo as formas “eleitorais” e superficiais de democracia não aparecerão.

Empregos, empregos, empregos

Acabaríamos em um cenário apocalíptico e, afinal, estava Cook certo em sua observação de que a situação é “sem esperanças”? Sejamos honestos: a curto e médio prazo as

¹⁶ O canal americano CNBC recentemente acrescentou a isso a letra K: uma recessão, após a qual a recuperação se dá na sociedade apenas para alguns, mas não para outros. Ver ‘[Worries grow over a K-shaped economic recovery that favors the wealthy](#)’, CNBC, 5 de setembro de 2020.

¹⁷ Ishac Diwan, Nadim Houry & Yezid Sayigh, ‘[Egypt after the Coronavirus: Back to Square One](#)’, Arab Reform Initiative, 26 de agosto de 2020. Para uma análise mais geral e impressionante das taxas de desemprego estruturalmente altas, veja Steffen Hertog, ‘[Segmented market economies in the Arab world: the political economy of insider-outsider divisions](#)’, Socio-Economic Review, 13 de abril de 2020.

coisas só irão piorar.

Nem os governos árabes nem seus nacionais têm muito controle sobre pandemias de vírus ou recessões econômicas mundiais.

Apesar de tudo, ainda há espaço para jogar? Ater-se a políticas econômicas estabelecidas não ajudará. Por outro lado, não se espera que haja uma mudança rápida se isso vier às custas dos poderes estabelecidos.

Além disso, tem-se uma escassez crônica de ideias e propostas na sociedade civil para quebrar esse impasse. Elas são apresentados apenas de forma pouco consistente, incluindo o apelo vacilante pela introdução de uma renda básica universal¹⁸.

É certo que propor uma alternativa realista é quase impraticável, especialmente nas circunstâncias atuais. No entanto, continua sendo essencial. Como fica claro pelo exposto acima, inicialmente trata-se da criação de empregos, empregos e, novamente, empregos. Isto é “o que o povo quer”.

No jargão acadêmico, isso está inserido na definição “forte” de democracia, com ênfase na segurança econômica. A democracia “fina” se restringe a características mais processuais, como eleições e liberdades políticas – não sem importância, mas insuficientes.

Um papel para a UE?

A União Europeia (UE) pode ajudar? Alguns analistas e especialistas observaram que, “Se a Europa não exportar empregos para a África, a África exportará africanos para a Europa”. Estas também são palavras claras. Entretanto, é muito questionável se a UE refletirá e finalmente se distanciará das premissas tenazes em sua política no que diz respeito ao Oriente Médio e ao Norte da África.

Como convincentemente apontado por Andrea Teti e seus colegas, Bruxelas teimosamente se apegua à definição “fina” de democracia, enquanto age no contexto de uma abordagem acrítica de liberalização do mercado. Direitos econômicos e sociais não são tão trazidos à tona¹⁹.

A estabilidade a curto prazo é o princípio norteador, “segurança em primeiro lugar” é o ditado. A cooperação com elites pró-ocidentais – por mais autoritárias que sejam – é a política permanente.

De fato, é imaginável que a Europa possa ajudar os parceiros norte-africanos através de maior interação econômica e se abrir para mais comércio. Mas este não foi o caso no período anterior à recessão econômica, muito menos nas circunstâncias atuais.

Fracassada?

A Primavera Árabe fracassou? Dez anos após as primeiras revoltas, esta é uma per-

¹⁸ Ver nota de rodapé 6. Para um debate estimulante sobre a noção de renda básica universal, ver *Alternative Policy Solutions*. Neste contexto, é impressionante que o best-seller de Rutger Bregman, *Utopia for Realists: The Case for a Universal Basic Income* (Amsterdã: The Correspondent, 2016) não fora traduzido para o árabe, embora tenha sido traduzido para 32 outras línguas.

¹⁹ Andrea Teti, Pamela Abbott, Valeria Talbot & Paolo Maggolini, *Democratisation against Democracy. How EU Foreign Policy Fails the Middle East*, Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

gunta um tanto tola.

Quando, no início dos anos setenta do século passado, a opinião do primeiro-ministro chinês Zhou Enlai sobre o impacto da Revolução Francesa foi solicitada, ele respondeu brincando: “muito cedo para dizer”. Apócrifa ou não, esta afirmação não é sem sentido.

Se olharmos para processos algo semelhantes em outros lugares do mundo, então, por exemplo, destaca-se que levou aproximadamente 170 anos – de 1789 a 1958 – até que a democracia na França (sob Charles de Gaulle) se consolidasse relativamente. E quanto tempo esse processo levou – e com quantos contratempos – na Alemanha, na Itália e em outros países?

Em outras palavras, se o processo de emancipação política é difícil no Oriente Médio e no norte da África, isso não é algo excepcional. Afinal, aconteceu com solavancos na estrada em outros lugares também e, não raramente, dando um passo à frente e dois para trás²⁰.

Ironicamente, é fato que mesmo a única “história de sucesso”, a Tunísia, resolveu um problema com um resultado positivo, mas infelizmente não o problema motor da “revolução”. No lugar das tão desejadas melhorias econômicas, os manifestantes obtiveram um governo constitucional. Em outros lugares, as pessoas ganharam ainda menos ou – na pior das hipóteses – acabaram em um vórtice de conflitos sangrentos.

Nem otimismo, nem pessimismo

Se o Oriente Médio e o Norte da África terão algum tipo de democracia é, naturalmente, imprevisível, embora precisemos considerar mais obstáculos do que seria o caso em outros lugares. Não se trata do “Islã” ou outros fatores culturais, mas sim de uma consciência de classe historicamente desenvolvida e formas inadequadas de oposição daí resultantes.

É óbvio que, ao tentar estimar o futuro, o desejo e o otimismo são equivocados. Entretanto, é míope também, como os pessimistas notórios tendem a fazer, opor-se a isso com uma forma de pessimismo ou mesmo cinismo²¹. Ambas as visões são falhas.

As revoltas de dez anos atrás, e a sua “sequência” em 2018 e 2019 em países como Iraque, Líbano, Sudão, Argélia e Marrocos, definitivamente foram significativas e seria simplista afirmar que a Primavera Árabe “fracassou”. Assim, enquanto aspiramos fazer uma avaliação sóbria e realista, precisamos nos precaver contra o otimismo e o pessimismo infrutíferos.

²⁰ Sheri Berman, [‘The Promise of the Arab Spring. In Political Development, No Pain Without Gain’](#), Foreign Affairs, Janeiro/Fevereiro 2013.

²¹ O ultra-pessimista John Gray menciona isso sobremaneira. A seguinte declaração, no contexto do mundo árabe, foi a mais abrangente: “A democracia liberal não pode ser estabelecida na maioria dos países do Oriente Médio. Em grande parte da região, a escolha é entre o despotismo secular e o governo islâmico” (Black Mass. Apocalyptic Religion and the Death of Utopia, Londres: Allen Lane, 2007, p. 146). Para uma visão menos “realista”, ver Susan Neiman, Moral Clarity. A Guide for Grown-up Idealists (Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2008). Além disso, Neiman faz uma distinção útil entre otimismo e esperança. Ela confessa nunca ter sido otimista no passado. O termo “otimismo”, explica, refere-se a uma avaliação dos fatos. Deve-se sempre manter a esperança, é a abordagem de Neiman para a vida. [‘Zonder hoop kan ik de wereld niet veranderen’](#), *De Groene Amsterdammer*, 4 de julho de 2019.